



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DO “MASSACRE DE ELTORADO DOS
CARAJÁS”: EXPLORAÇÃO, CONFLITO E VIOLÊNCIA NO SUL DO
PARÁ – 1995- 2010**

Kelly Caroline Cirqueira Alves*

Euclides Antunes de Medeiros (Orientador)**

“No dia 17 de Abril de 1996
Aconteceu uma história triste
E eu vou contar para vocês
No massacre de Eldorado
Morreram mais de 16
De um lado um batalhão de polícia
Que estava fortemente armado.
Do outro, trabalhadores Sem Terra.
Sujeitos a serem metralhados ou mutilados...”.

(Rayanne Mable Silva de Jesus e Jaciara Silva Sobral –
Alunas da Escola Municipal Oziel Alves Pereira no
Assentamento Vila 17 de Abril).

* Graduada do Curso de História da Universidade Federal do Tocantins/Araguaína. Membro do Grupo de Pesquisa História Regional: memória e territorialidades e da Linha de Pesquisa Cultura e Região: histórias, memórias e narrativas; Bolsista PIBIC/CNPq com o projeto intitulado “História e Memória do “Massacre de Eldorado dos Carajás”: Exploração, Conflito e Violência no Sul do Pará – 1995- 2010”.

** Possui graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia (1998), mestrado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (2002). Doutorado em História na Universidade Federal de Uberlândia (2012) e Professor Adjunto dos Cursos de História na Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Araguaína. Pesquisas na área de História, com ênfase em História Regional do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: história, memória, Literatura, violência, Trabalho e relações sociais. Líder do Grupo de Pesquisa de História Regional: memórias e Territorialidades. Membro do Colegiado do Curso de Mestrado em Ensino de História do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - PPGHIST. Membro do Conselho Editorial da Fênix-Revista de História e Estudos Culturais, é coautor do artigo e orientador do projeto.

Para a consecução dessa discussão problematizamos as fontes existentes na CPT-Xinguara e CPT-Marabá referente ao “Massacre de Eldorado do Eldorado do Carajás” cuja visada é compreender os significados da memória traumática nos jogos contra o sistema expropriador dos trabalhadores rurais e problematizar também os sentidos narrativos e políticos da memória dos sobreviventes.

Tais documentos constituem-se de depoimentos de trabalhadores em situação de trabalho análogo à escravidão; processos judiciais e inquéritos policiais, documentos de sindicatos de trabalhadores, de Agentes Pastorais, Advogados padres e intelectuais vinculados à luta dos trabalhadores rurais, recortes de jornais, obras de memória e documentos institucionais. A partir da perspectiva da História Social da Cultura, inspirados em autores como Thompson, Raymond Williams e outros, e autores que problematizam o campo da memória como Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Alessandro Portelli compartilhando especialmente de suas noções de experiência, resistência, acomodação, negociação, nos primeiros, e de reelaboração das memórias nos últimos, estamos problematizando como a “memória do massacre”, uma memória traumática, é reelaborada nas experiências dos sobreviventes ora servindo como “marco” para a continuidade da luta pela terra, ora como instrumento de lutas específicas. Procuramos desvelar os sentidos diversificados das narrativas sobre o episódio dependendo de quem narra essas memórias: os sobreviventes, agentes pastorais, padres, intelectuais, policiais, jornalistas no sentido de desvelar os significados que se atrelam a interesses específicos dependendo da inserção desses sujeitos diversificados no campo da memória.

Buscando entender o fenômeno de violência no Estado do Pará na luta pela terra, no presente trabalho procuro discutir alguns fenômenos que contribuem para essa violência, procurando estabelecer uma relação entre memória, poder, dominação e espaço agrário para então entender a natureza dessa violência que é tão presente nessa região e para isso remetemo-nos à história e memória de um massacre que teve como palco uma pequena cidadezinha no sul do Pará. Esse massacre no qual foram assassinados dezenove trabalhadores rurais e que deixou dezenas de feridos ficou conhecido como “O Massacre de Eldorado dos Carajás”.

Estamos investigando e historicizando então o conflito que ocorreu entre as forças de segurança do Estado do Pará, nesse caso a polícia militar, e os trabalhadores rurais, ocorrido no dia 17 de Abril de 1996 na cidade de Eldorado do Carajás uma cidade

pacata e relativamente pequena, onde, mais uma vez, no que se refere a questões sociais vinculadas aos trabalhadores rurais e sua luta pela terra, o uso da violência prevaleceu como “solução” encontrada pelo mando político de caráter oligárquico, quase um “poder paralelo” á um poder judicial frágil, acasalado com interesses privados, mantido pelo uso da força.

Neste quadro, ocorre o denominado Massacre de Eldorado do Carajás, que apesar de conter todos os elementos de uma histórica violência cometida contra os trabalhadores rurais foi noticiada pela imprensa como um fato, “escandaloso, cruel e inusitado”. Em setembro de 1995, cerca de 3.500 famílias de trabalhadores rurais, organizados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST formam um acampamento a margem da estrada, próximo a Fazenda Macaxeira¹, reivindicando a desapropriação dessa área. Para os trabalhadores rurais, esta fazenda era improdutiva, onde eles reivindicavam sua desapropriação com base no artigo 1184 da Constituição Federal que refere-se à desapropriação por interesse social, para fins de reforma agrária.

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA fez a vistoria para a desapropriação, mas o laudo atestou que a fazenda era produtiva. Entretanto, segundo denúncias do MST, este laudo teria sido conseguido através de suborno junto á superintendência do INCRA do Estado do Pará. No dia 05 de março de 1996, as famílias acampadas á margem da rodovia PA – 275 decidiram ocupar a fazenda Macaxeira, dando inicio a novas negociações com o INCRA.

Tais negociações pressupunham agilizar o assentamento de 3.500 famílias, e ficou acertado entre as partes que seriam enviadas 12 toneladas de alimentos e 70 caixas

¹ Fazia parte de um complexo de Fazendas, chamado Complexo Macaxeira composto por treze fazendas, no qual havia a Fazenda Macaxeira com cinco mil novecentos e vinte um hectares e setenta e oito ares e noventa e seis centiares (5.921,7896); a Fazenda Grota Verde com mil novecentos e quarenta e nove hectares trinta e um ares e cinquenta centiares (1.949,3150); a Fazenda Serra Norte com dois mil quatrocentos e vinte um hectares vinte e cinco ares e quarenta centiares (2.421,2540); a Fazenda Eldorado com seis mil setecentos e setenta e seis hectares (6.776,0000); a Fazenda Mucuripe com mil setecentos e vinte e um hectares trinta e cinco ares cinquenta centiares (1.721,3550); Fazenda Ponta Grossa com mil setecentos e vinte um hectares trinta e cinco ares cinquenta centiares (1.721,3550); Castanhal Grota Verde com três mil quinhentos e noventa e nove hectares vinte dois ares sessenta e três centiares (3.599,2263); Castanhal Volta do Rio com três mil quinhentos e noventa e nove hectares quarenta ares e doze centiares (3.599,4012); Fazenda Jacaré Grande com dois mil oitocentos e sessenta e um hectares oitenta e um ares e sete centiares (2.861,8107); Fazenda Lago Verde com dois mil novecentos e noventa e seis hectares e oitenta e dois ares e oitenta e dois centiares (2.996,8282); Fazenda Formosa com dois mil novecentos e noventa e sete hectares sessenta e seis ares e vinte e seis centiares (2.997,6626); Fazenda Aldeia Velha com dois mil novecentos e noventa e cinco hectares e cinquenta e três ares e trinta e sete centiares (2.995,5337); e Fazenda Ilha Verde com dois mil novecentos e noventa e seis hectares e cinquenta e dois ares e quarenta e três centiares (2.996,5243).

de remédios para o acampamento. Tal promessa não foi cumprida e, no dia 10 de Abril, aproximadamente 1500 famílias iniciaram uma caminhada para Belém-PA – e pararam no km 95 na rodovia PA-150, próximo a cidade de Eldorado do Carajás, exigindo comida e ônibus. No dia 17 de Abril pela manhã, foi dada a informação de que as negociações estavam canceladas e, diante desse impasse, os trabalhadores voltaram a bloquear a estrada, na altura da denominada “curva do S”², no município de Eldorado do Carajás. Por volta das 16 horas do dia 17 de Abril os trabalhadores rurais foram cercados de um lado por policiais do quartel de Parauapebas e por outro por policiais do batalhão de Marabá. Tal cerco provocou vários enfrentamentos entre os soldados e os trabalhadores que culminou no “metralhamento” e morte de 19 trabalhadores rurais, e mais um saldo de 56 feridos com indícios de execuções posteriores.

A utilização da terra nessa região está relacionada principalmente a pecuária e essa escolha pela pecuária serve para justificar a apropriação de grandes quantidades de terra por poucos e isso acaba gerando conflitos entre os agentes sociais que compõe esse campo que são necessariamente colonos, posseiros, caboclos e seringueiros cada um deles inseridos de forma específica na região, mas esse esse espaço não é constituído apenas desses pequenos agentes, há também os “grandes”, os fazendeiros, os empresários, os coronéis, os patrões, grileiros e vários órgãos que são associados, como a União Democrática Ruralista – UDR, Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário-MIRAD, Instituto Nacional de colonização e Reforma Agrária – INCRA, Instituto Brasileiro de Recursos Naturais Renováveis do Meio Ambiente – IBAMA, Baco da Amazônia S.A – BASA, Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID, Grupo Executivo de Terras do Araguaia Tocantins – GETAT, Grupo Executivo do Baixo Amazonas – GEBAM, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal – IBDF, Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM e Superintendência de Desenvolvimento da Borracha – SUDHEVEA.

As ações promovidas pelo Estado acabam contribuindo para a intensificação dos conflitos fundiários, pois a política governamental favorece os interesses desses grupos de empresários e grandes fazendeiros. O Estado que se utiliza da polícia ou do exército “para impor a ordem” se valendo da violência “legítima” que garanta a segurança dos

² Localizada na rodovia PA-150 e é chamada assim por ter um formato de S.

cidadãos de alguma ameaça, o que seria uma “violência justificável”, na concepção desse estado, pois é praticada por um poder legítimo.

Mas há também a violência ilegítima que não seria justificada, pois é praticada por a gentes que não são legítimos e não possuem o “poder” de praticá-la, esse tipo de violência é praticada por grupos privados no âmbito de um determinado território político, impondo seus interesses sobre outros grupos, aqui caberia o exemplo dos fazendeiros e latifundiários que praticam esse tipo de violência sobre os posseiros, se valendo das milícias privadas e da pistolagem. Tais práticas objetivam submeter os trabalhadores rurais que são submetidos e obrigados a deixarem suas terras. Tendo estes trabalhadores passado anos de sua vida desbravando a terra e através dela obtendo seu sustento e de sua família e ao verem-se obrigados a deixá-la, irão formar grupos de pressão política a fim de conseguir que o governo lhe conceda a posse da terra, como o caso do MST – Movimento Sem Terra, um dos maiores movimentos político-sociais organizados pelos trabalhadores rurais. Esses trabalhadores enfrentam vários problemas, mas que os incitam a lutar por justiça, liberdade e principalmente pela terra. E era justamente isso que aqueles trabalhadores rurais liderados pelo MST se deslocaram do município da Curionópolis – PA até a fazenda Macaxeira no Município de Eldorado do Carajás – PA buscavam por melhorias, e cansados do desprezo e da violência que estavam sofrendo, porém infelizmente culminaram com a morte dos 19³ trabalhadores rurais.

³ 1 – Altamiro Ricardo da Silva, brasileiro, goiano, casado de 42 anos de idade, filho de Juventino da Silva e Filomena Maria da Silva, residente na Rua Aeroporto s/nº, município de Eldorado dos Carajás. 2 – Amâncio dos Santos Silva, brasileiro, maranhense, solteiro, de 42 anos de idade, filho de João Rodrigues da Silva, residente na rua tucupi, nº 172, Curionópolis. 3 – Abílio Alves Rabelo, brasileiro, maranhense, casado, de 57 anos de idade, filho de João Rabelo e Rosália Rabelo, residente na Av. Carlos Santos nº 228, Curionópolis. 4 – Antônio Carlos Dias, brasileiro, maranhense, de 27 anos de idade, filho de Maria Conceição Costa, residente na Fazenda “Chega com Jeito”. 5 – Antônio Alves da Cruz, brasileiro, piauiense, casado, de 59 anos de idade, filho de Cristiana Alves Souza, residente na Rua Afonso Arinos, nº 11, Bairro da Paz, município de Parauapebas. 6 – Antônio, conhecido como “irmão”, residente em Parauapebas. 7 – Graciano Olímpio de Souza, vulgo “Badé”, brasileiro, paraense, casado, de 46 anos de idade, RG nº 0564368-Segup/PA, residente na Rua Ceará nº 77, Bairro Laranjeiras, Município de Marabá. 8 – Joaquim Pereira Veras, brasileiro, piauiense, solteiro, de 32 anos de idade, filho de Raimundo Souza Sobrinho e Adelaide da Conceição, residente na rua Tucupi nº 215, Curionópolis. 9 – José Alves da Silva, brasileiro, goiano, viúvo, de 65 anos de idade, filho de Carlito Alves da Silva e Januária da Silva, residente na rua 7 de setembro nº 54, Parauapebas. 10 – José Ribamar Alves de Souza, brasileiro, maranhense, solteiro, de 22 anos de idade, filho de Miguel Archanjo de Souza e Luzia Alves de Souza, residente na Rua São João Batista nº 111, bairro da Paz, Parauapebas. 11 – Lourival da Costa Santana, brasileiro, maranhense, casado, nascido em 09.11.1969, filho de José Ferreira Santana e Francisca Xavier da Silva, residente na Rua Jacarandá nº 161, Curionópolis. 12 – Leonardo Batista de Almeida, brasileiro, casado, de 46 anos de idade, filho Raimundo de Souza e Luzia Batista, residente na Rua Marajuba nº 19, Curionópolis. 13 – Manuel Gomes de Souza, brasileiro, piauiense, casado, de 49 anos de idade, conhecido por “leiteiro”, residente na Rua Acampamento da Fazenda Macaxeira, rodovia PA-275, KM-25, município de Curionópolis. 14 – Raimundo Lopes Pereira, brasileiro, maranhense, de 20 anos de idade. 15 – Robson Vítor Sobrinho, brasileiro, pernambucano, casado, de 25 anos, filho de Maria Antônia Vítor Sobrinho, residente na Rua Castanheira s/nº, Curionópolis. 16 – Oziel Alves Pereira, brasileiro, goiano, solteiro, de 18 anos de idade, filho de Alderino Alves Pereira e Luzia Alves Pires, residente na Vila dos Palmares, Parauapebas. 17 – Valdemir Ferreira da Silva, brasileiro, conhecido por “bem-te-vi”, residente em Parauapebas. 18 – João Rodrigues Araújo, brasileiro,

Essas 19 vítimas ficaram marcadas e são sempre lembradas pela memória do grupo e nesse sentido procuro levantar e problematizar as fontes disponíveis na CPT-Xinguara e CPT – Marabá⁴ no que concerne aos sentidos do conflito de Eldorado do Carajás em suas relações com as lutas históricas pela terra na Região Sul do Pará dando ênfase á análise das narrativas de memória construídas acerca dessas lutas. E a discussão sobre memória é complexa, pois envolve uma série de questões como modos de viver, de pensar e de agir dos indivíduos inseridos no processo, já que a memória está vinculada a ideia de que lembrar é reviver.

Para Maurice Halbwachs existe uma diferença entre memória coletiva, memória histórica e individual. A memória coletiva segundo ele é constituída á medida que se evoca um acontecimento que teve lugar na vida de um grupo e que mesmo com o passar dos anos, consideram esse acontecimento importante:

Conceder-nos-ão, talvez, que um grande número de lembranças reaparecem porque nos são recordadas por outros homens, conceder-nos-ão mesmo que, quando esses homens estão materialmente presentes, se posso falar de memoria coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos e consideramos ainda agora, no momento em que nos lembramos do ponto de vista desse grupo.” (HALBWACHS, 1990, p.36)

É o caso do massacre de Eldorado dos Carajás. Tal acontecimento ficou marcado na vida desse grupo e a memória sobre ele foi se construindo historicamente, socialmente e culturalmente no decorrer dos anos, pois essa memória é reelaborada constantemente, já que mesmo esses indivíduos partilhando dessa memória coletiva que foi construída e vivenciada pelo grupo, haverá indivíduos que irão possuir visões diferentes acerca do massacre. Sobre essa percepção “individualizada” acerca da memória tomemos a fala de um depoente no livro do autor Eric Nepomuceno, intitulado “O MASSACRE, Eldorado do Carajás: uma historia de impunidade”, no qual o mesmo diz:

“[...] eu queria esquecer o massacre, mas não dá. Quando a gente anda na rua, encontra sempre uma viúva, um outro mutilado, um órfão... não tem um dia em que a gente não fale do massacre. Assim não dá para esquecer.” (NEPOMUCENO, 2007, p.93)

paraense, casado, residente em Parauapebas. 19 – João Carneiro da Silva, conhecido como “fotografo”, residente em Parauapebas.

⁴ Comissão Pastoral da Terra – É um órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que busca tratar da situação dos trabalhadores e dos conflitos no campo.

Aqui vemos que o depoente Josimar de Freitas um dos sobreviventes do massacre, quer de certa forma esquecer esse acontecimento que foi traumático não só para ele, mas para todo o grupo, mas o mesmo sempre encontra um ou outro que participou do massacre que não o deixa esquecer o que viveu no dia 17 de Abril de 1996. Assim, mesmo que o depoente não queira lembrar, haverá lembranças que são evocadas por outros homens que participam do grupo e que consideram o acontecimento importante.

Nesse caso o depoente Josimar de Freitas ao tentar esquecer o “massacre”, que teve e tem lugar na memória do grupo, está querendo desapegar-se, pois para Halbwachs esquecer um período da sua vida é perder contato com aqueles que nos rodeiam, já que ao fazer esse esforço para tentar esquecer não haverá mais reconhecimento e nem lembranças, pois Halbwachs considera que a lembrança é um processo de reconhecimento e reconstrução e a memória também, já que as lembranças fazem parte da memória. De reconhecimento porque porta um sentimento do “já visto”, ou seja, à medida que o depoente Josimar de Freitas se lembra do Massacre o mesmo constrói sentimentos por meio de uma imagem do “já visto” e passa a vivenciar “de novo” tudo aquilo que viveu no dia do massacre evocando assim um acontecimento que tem lugar na vida no grupo, mas, que por ter sido tão traumático o mesmo queira esquecer.

Entretanto, o desejo de memória do grupo, e tudo que o cerca, o leva sempre a lembrar de tal acontecimento: do nome do assentamento “Vila 17 de Abril”⁵ ao nome de associações “Associação dos mutilados e viúvas do Massacre de Eldorado dos Carajás” e até colégios “E.E.E. M Oziel Alves Pereira” que ficou conhecido como Zumbi do Pará, pois Oziel Alves Pereira era um dos líderes do movimento e foi assassinado no dia 17 de Abril de 1996. O mesmo tinha apenas 17 anos quando foi assassinado, era admirado pela sua garra e força e apesar da idade fazia parte da Direção dos Trabalhadores de Eldorado do Carajás, também era admirado por sua qualidade de liderança e pela facilidade com que se relacionava com as pessoas. Hoje Oziel é um mártir e sua memória é muito viva no grupo, pois Oziel agora é nome de assentamentos e escolas como forma de homenagear o mesmo, há também poemas que trazem essa memória de mártir de Oziel que o colocam como um jovem guerreiro que lutava pela justiça e contra a impunidade, como os poemas abaixo expressam:

⁵ É chamada assim porque o massacre ocorreu no dia 17 de Abril de 1996.

História Cultural

[...]

Agora
Um governo assassino tirou
Definitivamente
A tua oportunidade de viver

Foste executado barbaramente
Por uma policia formada, ironicamente,
Por filhos de lavradores
Treinada para matar seus iguais, em nome da ordem e da legalidade.

Percebe-se a intencionalidade do poema no sentido de responsabilizar o Estado pela morte de Oziel ao mesmo tempo em que denuncia os submetimento dos trabalhadores rurais por meio da “ordem e da legalidade” à medida que o poeta lamenta a ironia do braço armado ser constituído por “filhos de lavradores”.

[...]

Porem tua luta e teu martírio
Não serão em vão
Reforça nosso compromisso
Na luta pela reforma agrária
E por justiça no Brasil.

Só não queríamos
Pagar um preço tão alto.
(Marco Aurélio Ramos Fonseca – MA)⁶

O poema se encerra alçando o menino de 17 anos à condição de mártir, portanto á condição de um “marco” de memória que reforçará o compromisso do movimento “na luta pela reforma agrária. No poema abaixo é ressaltado o papel de liderança do menino de 17 anos que fazia ecoar sua voz “na linha de frente”.

⁶ Poema encontrado em uma fonte disponibilizada pela CPT-Xinguara intitulado “Carta aos brasileiros”, publicação patrocinada pelo Fórum Nacional pela Reforma Agrária e Justiça no Campo, em conjunto com o MST, CONTAG, CPT-Nacional, CIMI, INESC, IBASE, OAB, CAPOIB, PDT, PSTU, PCdoB, PT, CUT, MNTR, CMP, Sindicato dos Bancários de SP. t.d., s.n.

Oziel está presente

Aquele menino era filho do vento

Por isso voava como as andorinhas

Aquele menino trilhou horizontes

Que nem um corisco talvez ousaria

Levava no rosto semblante de paz

E um riso de flores pro amanhecer

sol da estrada brilhou sua guerra

Mirou o seu povo com olhar de justiça

Pois tinha na alma um cheiro de terra

Tantas primaveras tinha pra viver

Pois tão poucas eras te viram nascer

Beijou a serpente da fome e do medo

Mas fez da coragem seu grande segredo,

Ergueu a bandeira vermelha encarnada

Riscou na reforma um "a" de agrária

E assim prosseguiu.

Seguiu cada passo com uma fé ardente

A voz ecoando na linha de frente

Em tom de magia numa melodia de estar presente

E a marcha seguia, seguiam os homens,

Mulheres seguiam, crianças também caminhavam

Mas lá onde a curva fazia um "S"

Que não se soletra com sonho ou com sorte

Pras bandas do norte o velho demônio

Mostrou seu poder.

Ali o dragão urrou, o pelotão apontou,

As armas cuspiram fogo, e dezenove

Sem terra, a morte fria abraçou.

Mas tremeu o inimigo com a dignidade do menino

Inda quase adolescente, pele morena, franzino

Sob coices de coturno, de carabina e fuzil

Gritou amor ao Brasil, num viva ao seu movimento,

E morreu!

Morreu pra quem não percebe

Tanto broto renascendo

Debaixo das lonas pretas, nos cursos de formação
Ou já nos assentamentos,
quando se canta uma canção,
ou num instante de silêncio
Oziel está presente,
Porque a gente até sente,
Pulsar o seu coração.

(O compositor, poeta e músico do MST, Zé Pinto é autor da poesia em homenagem a Oziel Alves Pereira)

O poema também utiliza o jovem “inda quase adolescente” como uma metáfora que faz alusão ao próprio MST, um movimento social bem recente no cenário das lutas camponesas no Brasil, e, ao caracterizá-lo como “franzino” alude à fragilidade do movimento em sua luta contra o Estado “poderoso” que é representado pelos “coturnos, carabinas e fuzis”. E no momento da morte surge o herói-menino que “gritou amor ao Brasil” e que como marco de memória faz renascer o movimento, “debaixo das lonas pretas, nos cursos de formação e nos assentamentos”.

Ao lidar com a memória do Massacre de Eldorado dos Carajás é perceptível o quanto esta está enraizada nas lutas históricas pela terra na região e como ela vai sendo reelaborada de acordo com as experiências e interesses dos trabalhadores rurais, pois ela circula no corpo social desse grupo, nesses poemas, por exemplo, os autores resgatam acontecimentos e vivências reativando-os por meio da memória de acordo com interesses do presente que envolvem um conjunto de relações sociais.

Por outro lado essa memória também acabou criando um estigma para a cidade de Eldorado do Carajás, ou seja, por ter sido o palco do massacre passou-se a ver a cidade e não somente ela mais o Estado todo com um olhar negativo. Esse estigma acaba sendo reproduzido por diversos autores e até mesmo pela própria historiografia, pois ao passo que se fala de Eldorado do Carajás recorrentemente remetem ao massacre, que não raro é utilizado como “símbolo” da violência no Estado do Pará, como se a cidade fosse conhecida apenas por tal acontecimento trágico, e isso acaba ficando impregnado na memória não só desse grupo, mas da sociedade paraense em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge, 1912 – *Terras do sem fim*: Romance; ilustração de Clóvis Graciano. 48ª. Ed. Rio de Janeiro, Record, 1982. 271p.

BRELAZ, Walmir. *Os sobreviventes do Massacre de Eldorado do Carajás*. Edição do autor, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. SP, Vértice, 1990.

LE BRETON, Binka. *Todos sabem: a morte anunciada do padre Josimo*. Araguaia, TO: CPT; São Paulo: Loyola.

MARTINS SOUZA, José. *Expropriação e violência: a questão política no campo*. 1980. 3ª. Ed. São Paulo, Hucitec, 1991. 182p.

NEPOMUCENO, Eric. *O massacre – Eldorado do Carajás: uma história de impunidade*. São Paulo: Editor Planeta do Brasil, 2007.

PLASSAT, Xavier (org.) *As próprias pedras gritarão – Escritos, ideias e poemas do Frei Tito*. 104p. Aragominas, TO: 2014.

Poemas MST - *Poemas escritos pelos estudantes da 8ª. Série da Escola Municipal Oziel Alves Pereira, no Assentamento 17 de abril, em 15/04/2005*. Disponível em: <http://www.mst.org.br/book/export/html/648>. Acesso em: 25. Novem. 2014.

POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Volume2, nº 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Tempo. Rio de Janeiro, n. 2, vol. 1, 1996.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981.

OZIEL ALVES PEREIRA O ZUMBI DO PARÁ Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/banco/oziel-alves-pereira-o-zumbi-do-para>. Acesso em: 25. Novem. 2014.